



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

Virginia Bravim da Silva
RA: 20413080

Jornalismo político sob os olhos do Varjão

**Uma pesquisa de campo sobre o papel da imprensa televisiva
numa das comunidades mais carentes do Distrito Federal**

Brasília, abril de 2008

VIRGINIA BRAVIM DA SILVA

Jornalismo político sob os olhos do Varjão

**Uma pesquisa de campo sobre o papel da imprensa televisiva
numa das comunidades mais carentes do Distrito Federal**

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Profº Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, abril de 2008.

VIRGINIA BRAVIM DA SILVA

Jornalismo político sob os olhos do Varjão

Uma pesquisa de campo sobre o papel da imprensa numa das comunidades mais carentes do Distrito Federal

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Profº Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Banca examinadora:

Profº Orientador: Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Ana Gabriela Guerreiro
Examinador

Examinador

Brasília, abril de 2008.

Resumo

Este trabalho busca identificar se a linguagem do jornalismo político é acessível à população carente do Varjão, de acordo com amostragem específica. Para isso, o trabalho aborda as notícias veiculadas por esse setor da imprensa, o papel social da mídia e uma pesquisa de campo numa das comunidades mais carentes do Distrito Federal, o Varjão. O presente trabalho faz uma análise sobre esta pesquisa de campo para aferir se o conteúdo veiculado é acessível àquelas pessoas e o que há de mais importante: que diferença o trabalho do jornalista faz para quem mais precisa.

Palavras chaves: jornalismo político, Varjão, notícia.

Sumário

1	Introdução.....	06
2.	Para que, para quem, por que jornalismo político.....	08
2.1	Opinião versus Sociedade.....	09
3	A linguagem dos telejornais e tentativas de tradução.....	11
3.1.	Completa ou superficial.....	12
3.2.	Interesses à parte.....	14
4.	Profissão regulamentada.....	15
5.	Função social do Jornalismo.....	16
5.1.	Técnicas/ferramentas de trabalho e evolução.....	17
6.	Cidade-Satélite.....	19
7.	Varjão.....	19
8.	Pesquisa de campo.....	21
8.1.	Visita ao Varjão/Análise e resultados.....	21
9.	Conclusão.....	26
10.	Bibliografia.....	29
11.	Anexos.....	30

1. Introdução

De porta em porta

Desejo, utopia, sonho... São inúmeros os atributos e adjetivos que são ligados ao conceito da “objetividade jornalística”. Entretanto, dentro de qualquer definição a esse termo, está o da necessidade da clareza de informações e do olhar ao interesse público. De acordo com obras estudadas e outros referenciais, a notícia e a linguagem devem ser claras e de fácil entendimento para o público.

O objetivo deste trabalho é demonstrar se, na prática, aqueles que mais precisam, desassistidos, contam com a imprensa como aliada e se recebem informação de qualidade. Pelo trabalho, mostrar que pessoas mais carentes precisam de informação e de compreensão de conteúdos jornalísticos. O local escolhido para a pesquisa foi o Varjão, por ser a região administrativa mais próxima do Plano Piloto e Lago Norte e com menor renda. Uma cidade onde há comunidades de baixa renda com pessoas dotadas de pouca instrução escolar (PDAD, 2006) e que funciona geograficamente como uma “ilha” de carência, rodeada pelas classes média e alta por todos os lados. O tema foi escolhido por apreciar a televisão, acreditar que os telejornais têm um papel social de extrema relevância.

...A notícia, no sentido mais amplo e desde o tempo mais antigo, tem sido o modo corrente de transmissão da experiência – isto é, a articulação simbólica que transporta a consciência do fato a quem não o presenciou. (LAGE:1983 p. 33)

O tema foi escolhido, por esta pesquisadora, também, partindo-se da premissa que a linguagem esteja acessível para as pessoas com um nível de instrução menor. Pelo que foi estudado, a notícia é a maneira de enxergar, perceber e conceber a realidade. Obter informação é um direito de qualquer ser humano. Um cidadão melhor informado tem muito mais chances de criar uma democracia mais completa. E para transmitir a notícia

é que o jornalista entra em cena. Ao longo dos anos de estudo aprende-se que dentro do modelo de uma notícia deve conter uma mensagem com a máxima clareza dos fatos para que, qualquer cidadão seja capaz de compreendê-la.

A informação jornalística transmitida pela televisão deve ser simples, clara e didática. O jornalista tem que lembrar que a palavra oral é uma sucessão de sons que não permite voltar atrás e exige atenção porque só permite apreender o sentido daquilo que já foi dito. (MACIEL: 1995, p.34)

Para obter os resultados, foi feita uma pesquisa de campo. Foram necessários três dias inteiros de porta em porta no Varjão. A primeira visita serviu como teste para o questionário a ser aplicado. Com as devidas modificações, foram realizadas a segunda e terceira visita e 50 questionários foram aplicados. Sem essa pesquisa não seria possível conseguir resultados, pois não teria informações necessárias para comprovar o objetivo do trabalho.

2. Para que, Para quem, por que jornalismo político

Um bom relacionamento com as pessoas que o rodeiam é regra número um para o jornalista. Segundo Franklin Martins, boa parte da luta política é a disputa entre várias versões de um mesmo fato. Quando se trata de jornalismo político a regra da boa relação vale mais ainda. Nesse meio, o jornalista político trabalha bastante e, como todo bom jornalista político mantém toda atenção pelo Congresso Nacional em busca de informações, conversando com muita gente, checando informações. São tantos fatos acontecendo simultaneamente que, em lugares como Câmara, Senado, reuniões partidárias abertas, dificilmente o jornalista consegue estar no momento do fato e, portanto, ele terá de pegar informações de segunda mão.

De acordo com Franklin, os políticos têm seus interesses e objetivos, inimizades e lealdade e são indivíduos treinados para convencer os outros. No entanto, sabe-se que os políticos não sejam muito confiáveis, mas o fato é que eles têm grande acesso à informação e, por isso, são fontes fundamentais nas quais o jornalista deve ter um bom relacionamento.

No jogo do poder, desconfie de tudo que faz sentido. Não costuma ser verdade. (Franklin Martins, p.48)

Em um fato político não há apuração que não leve consigo a análise do mesmo fato. Para cobrir política é necessário que o repórter esteja treinado, preparado para entender o que se passa no Congresso. Segundo Rudolfo Lago, diretor especial da Istoé, não é suficiente chegar ao Senado ou Câmara e entrevistar personagens envolvidos no caso e produzir a matéria. Isso resultaria em um texto ingênuo. Em política, apuração e análise são elementos primordiais.

Para se compreender como se deu o processo que resultou na composição entre Ulysses e Waldir, é preciso entender o PMDB. Sua história. Como se formou. Para entender o PMDB, é preciso entender a história recente do Brasil. Como se deu a

divisão das forças políticas durante a ditadura militar. De que forma se processou o bipartidarismo de então. Como as forças de oposição organizaram-se no MDB. O que ocorreu após a abertura democrática e a volta do pluripartidarismo. Como essas mesmas forças que se opunham à ditadura espalharam-se por diversos partidos. Quem ficou então no PMDB. Que pensamentos e interesses políticos representava. (Rudolfo Lago, p. 148)

Tendo base a citação feita, o jornalista político tem, portanto, que entender o Congresso para assim partir para o objetivo: explicar os acontecimentos, esmiuçar a política. Abandonar o “politiquês” e usar termos acessíveis à população faz parte da missão do jornalista político. O repórter deve partir do pressuposto que nem todo mundo entende termos da política e por isso, deve utilizar-se de uma linguagem em que o telespectador possa entender não precisando consultar nenhuma espécie de material para tal.

Contudo, é relevante que o profissional também entenda, mesmo que minimamente, a história do Brasil, além de compreender o congresso para que a análise, a apuração e o texto fiquem ainda mais completos.

2.1. Opinião versus sociedade

Opinião pública e sociedade têm significados distintos. A começar pela opinião pública, é aquela em que a opinião predomina na sociedade. Por esta é que o jornalista não se pode deixar levar e não deixar que faça seu dia-a-dia. A devida atenção deve ser tomada para que este tipo de opinião não paute suas matérias. Nem sempre o que o povo quer ver é o que deve ser mostrado e, portanto, a opinião pública tem que ser tratada com respeito, mas não pode transformar-se numa guia. A lealdade do jornalista tem que ser com a sociedade, isto é, ter a preocupação com os interesses gerais da população e com isso produzir matérias de acordo com o que ele julga ser necessário para o bem-estar da sociedade. Produzir pautas com o que ele também julga importante que seja feito, investigado e devidamente mostrado para a população.

Segundo Franklin Martins, jornalista não está no mercado para fazer média com a opinião pública. Ele não a serve. A sociedade carece de coisas que não são feitas justamente por causa da “mídia” que alguns profissionais insistem em fazer com a opinião pública ao invés de realmente dar a ela o que precisa.

Mais difícil para mim, é enfrentar a pressão da opinião pública, em especial quando esta adquire ares de unanimidade. Sempre que, por convicção, trombei com ela, paguei imediatamente um preço desagradável: telefonemas de cobranças, cartas desaforadas, emails grosseiros, olhares recriminadores na rua. O mínimo que dizem é que estou levando dinheiro de alguém por não compartilhar a opinião predominante. São ondas que não duram muito – “La Donna é móbile, cual piuma AL vento”, já dizia Verdi no Rigolletto – mas, azedam a vida de qualquer um. Confesso: às vezes, nesses casos, bate uma vontade danada de contemporizar, seguir a manada e acompanhar a ordem na mídia. Seria mais cômodo. Aí, lembro-me de que não sou jornalista para fazer média com a opinião pública, mas para informar a sociedade. E sigo em frente.(Franklin Martins, p. 37)

Quanto às rotinas de construir uma pauta, muitas redações pecam por falta de domínio técnico profissional. De acordo com Cremilda Medina, a informação não passa pelo processo de planejamento. Esta etapa não é levada com seriedade e aprofundamento que a situação exige, não há imaginação no momento das opções de assuntos. Acontece que os veículos buscam assuntos já tratados por outros veículos, os jornais se verificam para conferir o que está “em pauta” e o que falta para ser transmitido. Como tudo na vida, o jornalismo tem etapas a serem seguidas. A criação é uma etapa fundamental. Criar pautas significa buscar problemas que persistem dentro de uma realidade. E para tanto, como parte da equipe, estão os pauteiros que precisam de preparo técnico – conjunto de repertório cultural, aprendizado jornalístico, e maturidade para assumir mudanças de rotinas. Dessa forma, as sugestões de pauta, reportagens e o relacionamento de temas ficam mais viáveis. Relevante ressaltar que a construção de uma pauta é muito mais importante do que o chamado “furo” de notícia. Segundo Cremilda, “o aprofundamento e ampliação do âmbito de cobertura, isso não se adquire de rotinas primárias”. O necessário

seria uma atuação que transforme a notícia passageira em documento de realidade, que aprofunde um determinado problema social.

3. A linguagem dos telejornais e tentativas de tradução

Pelo fato de lidar com uma linguagem coloquial é que a televisão é considerada um dos veículos mais eficientes. A linguagem do dia-a-dia aliada às imagens formam, então, a dupla perfeita. No entanto, para que isso seja verdade, é preciso que a linguagem seja simples, uma linguagem conversada, direta e com a maior clareza possível. O telespectador precisa ter compreensão total e exata da informação e para tanto é necessário que o jornalista utilize palavras conhecidas, palavras curtas, verbos afirmativos e fortes. Como o tempo na TV é escasso, faz-se um “dois em um”: as frases são curtas para que o repórter e apresentador tenham facilidade de ler e, dessa forma, ficam também mais claras para o entendimento do telespectador que vai ouvir a informação apenas uma vez.

O jornalista de televisão tem que lembrar que a palavra oral é uma sucessão e sons que não permite voltar atrás e exige atenção porque só permite apreender o sentido daquilo que já foi dito. (Pedro Maciel, p. 32)

A *objetividade*, a *precisão* e a *concisão* são instrumentos de primeira necessidade dos jornalistas de televisão. Como não existe a possibilidade de releitura neste veículo, os profissionais devem usar um código de compreensão universal.

Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta. (poeta francês Paul Valéry, citado pelo autor Pedro Maciel, p.32)

Importante ressaltar que os critérios de usar uma linguagem simplista não implica em um texto pobre. O que é exigido é o texto coloquial, com palavras bem selecionadas.

Ao longo de quatro anos na faculdade, aprende-se o cuidado com os adjetivos. Em todos os textos jornalísticos o uso do adjetivo é dispensável principalmente no caso dos textos televisivos, pois o tempo é curto. Os adjetivos são acessórios dos substantivos e assim eles não têm função informativa relevante. A frase, portanto, é construída na ordem direta que obedece à seguinte estrutura: sujeito, predicado, complementos.

Nilson Lage cita em seu livro Jakobson Romam, autor de “Linguística e poética, e segundo Jakobson, a principal linguagem das notícias é a função referencial. Esta função, também conhecida também como função denotativa, tem o objetivo de informar. A mensagem é centrada no receptor e a ênfase é dada no conteúdo. A função poética, por sua vez, não pode ser dispensada nos textos, pois é ela que coloca em evidência a forma da mensagem. Sua preocupação está em como dizer. Dessa maneira, se preocupa também em evitar a cacofonia que consiste em um som desagradável quando há a ligação das letras finais de uma palavra com as letras iniciais da palavra seguinte. O verbo na sua vez é o ponto de articulação da frase da notícia. A referencialidade como função importante na notícia possui particularidades como a utilização do modo indicativo e o uso da terceira pessoa. O uso desta última causa impessoalidade na notícia para que o fato possa ser relatado com a devida imparcialidade, sem que partidos sejam tomados, apenas o relato puro da notícia.

3.1. Completa ou superficial?

A notícia veiculada pela televisão precisa ser completa por si mesma. Quando a notícia possui desdobramentos, ou seja, noticiada há vários dias no telejornal, o jornalista nunca deve supor que o telespectador já saiba os seus antecedentes. Dessa forma, ao transmitir a notícia pela 5ª vez na semana o profissional tem a obrigação de contar qual é a notícia original. A

forma de facilitar esse trabalho é atribuindo à ela uma cartola ou selo de identificação. Os dois nomes têm a função de situar o que vai ser mostrado. A palavra *mensalão*, por exemplo, foi adotada pela mídia para se referir à suposta mesada paga aos deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo.

Uma notícia pode ser quase tudo ou quase nada. Se, durante um razoável período de tempo, acontece algo chocante em que a notícia repercute nacionalmente ou que exige participação do povo (no caso de uma eleição para presidente), nos dois casos só faltam os desfechos. Por isso, se é dito apenas “Fernando Henrique é eleito presidente” basta para o entendimento fácil e imediato de todos, pois a notícia é circulada várias vezes por um período de tempo grande. Ao passo que se for dito “Garibaldi Alves é eleito presidente do Senado” não é o suficiente para o entendimento rápido, pois, apesar de ser uma notícia que tem importância política e ter a necessidade de ser veiculada, apenas pequena parte das pessoas sabe quem é Garibaldi e o telespectador não dispunha de informações anteriores sobre o assunto para entender a informação mais recente. Nesse caso, portanto, é necessário que a matéria dê um quadro mais amplo como: “O Senador Garibaldi Alves foi eleito presidente do Senado Federal com mais de 50% dos votos dos parlamentares, prometeu isso e aquilo outro”.

Segundo Franklin Martins, em muitos casos, é necessário relacionar determinada notícia com outros fatos, explicar as causas e avaliar as possíveis consequências.

É preciso entregar aos leitores não apenas a notícia, mas também o que está por trás e em volta da notícia. Dito de outra forma, é preciso explicar, analisar, interpretar o que aconteceu. (Franklin Martins, 2005, p. 21)

Ainda de acordo com Franklin, há vinte ou trinta anos, os noticiários políticos se limitavam apenas em reproduzir as declarações de autoridades. O telespectador que se virasse para entender o que estava acontecendo. A

atividade de interpretação da notícia era feita por colunas e, apenas, por algumas colunas.

Hoje, a própria televisão não se limita em dar a notícia pura e seca. Os jornalistas estão cada vez mais sendo obrigados a entregar com a notícia, a interpretação da notícia. Porém, junto a tudo isso existe uma ferramenta essencial, para o entendimento completo, foco deste trabalho: a linguagem. É preciso não esquecer que, dentro dos conteúdos das notícias, se expressa uma linguagem, até porque, segundo Cremilda Medina, nenhum conteúdo é transmitido para o grande público se não existir uma codificação acessível, facilmente decodificável.

3.2. Interesses à parte

Indivíduos que possuem senso crítico e boas percepções notam que os verdadeiros interesses por trás do jornalismo de televisão são ainda muito obscuros. Um dos deveres de todas as emissoras deveria ser de expor o real princípio que norteia a produção dos telejornais. Segundo Antônio Carlos Brasil, o que mais entristece é constatar a opinião generalizada de um público jovem e bem informado de que os telejornais não são quase nada criativos e tendem a manipular as notícias movidos por interesses corporativos. Nessas horas, como convencer alunos de jornalismo da importância e relevância do jornalismo em meio a tantas denúncias e tanta incompetência? Antônio Carlos diz que essa é uma ótima oportunidade para os jornalistas reavaliarem os objetivos.

Televisão é antes de tudo, cultura popular. Isso não quer dizer que seja sinônimo de monopólio, mesmice, baixarias ou comodismo. Creio que deveríamos parar de nos iludir e começar a perceber a nossa realidade. A verdade é que a tevê brasileira é muito, muito ruim. (Antônio Carlos Brasil, p.255, 256)

De acordo ainda com Antonio Carlos, o telejornalismo não está em boa forma. Por muitas vezes as matérias são previsíveis e estão apresentando muita forma e pouco conteúdo. A função social, acima de qualquer interesse em particular, é informar o cidadão, independente do nível de instrução, da classe social e do credo.

4. Profissão regulamentada

No século 19, a profissão de jornalista estava se situando como profissão viva, fortemente atuante e querendo, naturalmente como qualquer outra profissão, sua normalização. Segundo Cremilda Medina, o exercício profissional tem sua estrutura em um triângulo ideológico :

- Saber
- Saber fazer
- Saber ser

Essa forma se tornou mais sólida nos Estados Unidos. Na primeira metade do século, os norte-americanos defendiam com toda força o profissional treinado na universidade enquanto alemães, franceses, italianos e ingleses rejeitavam a especificação profissional e achavam que a arte de escrever era uma vocação e não precisava de preparação técnica.

Mais adiante, no Brasil, às vésperas do golpe que tirou João Goulart da presidência (1961-1964), o decreto que fazia da profissão jornalista uma profissão regulamentada, assinada pelo ministro do trabalho em 1962, havia sido sacramentada. Com a nova fase de ditadura militar, tudo que pertencia à fase anterior não foi considerado. Desde então, a tão esperada regulamentação profissional foi adiada por mais seis anos. Manteve-se o curso de jornalismo apenas nas faculdades de filosofia.

Na década de 60 a indústria cultural se solidifica. Nessa fase, a Editora Abril lança revistas e livros. A Bloch Editores também faz a mesma coisa e o grupo Globo segue mesmo caminho e até constrói sua rede de televisão. A cultura se industrializou a todo vapor e não queria saber o que se passava no sistema político. Porém o curso de jornalismo ainda estava humildes em suas técnicas. O grupo Bloch logo tratou de montar cursinhos rápidos de treinamento, a Editora Abril criou uma mini escola para prepara para a saída da revista semanal. Com as exigências de recursos humanos por parte do mercado fez com que as resistências à formação profissional fossem cedendo. Assim sendo, no dia 17 de outubro de 1969 a profissão de jornalista foi finalmente decretada.

5. Função social do jornalismo

A indústria cultural colabora com a ideologia capitalista e se utiliza do processo técnico para impedir que o indivíduo pense sozinho, obstruir as capacidades de decisão e julgamento da pessoa. Segundo Lins Silva, jornalista que realizou pesquisa sobre a recepção de bens culturais por uma determinada classe, todos que utilizam a indústria cultural o fazem como se os meios de comunicação fossem instrumentos de manipulação do pensamento coletivo. De acordo com Cremilda Medina, na década de 70, os estudantes, ao invés de saírem da universidade preparados com as devidas técnicas, preferiam discutir grandes questões a aprender como fazer e começar uma notícia. Contudo, acabam caindo de cabeça na “prostituição” da indústria cultural, numa empresa jornalística em que há pressão de sobrevivência. Na ânsia de se integrarem na vaga, acabam aprendendo “aos trancos e barrancos” a fórmula inicial da linguagem profissional. Segundo ainda Cremilda, “se tivesse havido preocupação maior e consciente em relação à instrumentalização realista dos “engenheiros das emoções”, eles saberiam lidar com toda a máquina industrial, conhecendo toda sua dialética para assim exercer um papel social lúcido”. O jornalista é o desencadeador de efeitos na sociedade. Assim sendo, é preciso preparação profissional adequada, consciência, técnica e responsabilidade para o exercício social entre os diversos grupos culturais.

O erro de alguns meios de comunicação é persistirem em uma linguagem de uma elite alfabetizada. Utilizam-se da ideologia adorniana que se recusa a escrever num estilo simples. Defende o discurso verbal, pois acredita que seja o patrimônio a ser preservado nas elites. Mas a linguagem tem um componente fundamental: a universalidade. Hoje, nenhum jornalista sabedor de um papel social poderá exercer sua função sem que tenha o domínio de uma linguagem socializada.

Um comunicador é um vaso comunicante por onde passa a informação, é filtrada e preparada para atingir o maior número de pessoas possível. (Cremilda Medina, 1982. p. 110)

Jornalista precisa de técnicas de trabalho assim como um professor, um físico ou um engenheiro. Uma comunicação pluridirecional não é possível sem técnicas da comunicação. O que se observa, segundo Cremilda, é que na América Latina há certa rebeldia quanto à técnica e o que na comunicação prevalece é o improviso criativo. Essa parte criativa da comunicação é válida, mas somente se antes o comunicador partir de uma “alfabetização” profissional, ou seja, a criação do simples, da linguagem direta é muito mais fluente quando já se percorreu pelo caminho do “beabá” das técnicas. Saber fazer uma manchete, um título, um lead, fazer uma legenda, não são conhecimentos que se possa jogar fora sob pretexto de que precisa contestar “fórmulas” do trabalho. É por causa de alguns que ficam “esvaziando a técnica” que as mensagens das notícias saem ilegíveis.

5.1. Técnicas/ferramentas de trabalho e Evolução

Um bom desempenho depende de sabedoria, esperteza e agilidade no mundo da comunicação. Sabedoria quanto às técnicas, tão faladas neste trabalho, e agilidade e esperteza para saber desenvolver e utilizar as técnicas em diversas situações. Uma das técnicas fundamentais é a sagacidade para descobrir, levantar pontos de vista divergentes, contraditórios e convergentes sobre determinado assunto. O que acontece na realidade é que o repórter já sai da redação com um ponto de vista já delineado e procura pessoas que apenas reforcem esse raciocínio. Comodismo. As inquietações e empolgações que deveriam ser trazidas da universidade, são trocadas pelos hábitos empobrecedores, aumentando a fila dos descontentes com a profissão. O profissional de jornalismo convicto de seu papel social não se contenta com esse tipo de limitação e acaba se destacando e virando repórter especial. Na visão de Cremilda, todo repórter deveria possuir o comportamento especial, pois esse tipo de comportamento seria o adequado. Outra técnica que foi conquistada e não pode ser dispensada é a de entrevista. O jornalista deve estar a par do assunto que vai ser “discutido”,

saber questionar, perguntar, exigir explicações. Preparar algumas perguntas é sempre melhor do que improvisar e mais do que obter informações do entrevistado, deve estabelecer laços de confiança para a conversa de fato.

O jornalista também tem a opção de se especializar em alguma área. Há um leque de especializações. No entanto, especializar-se não significa se limitar em uma determinada linguagem por ser um setor especializado.

Esse jornalista que se isola em um universo limitado de temática, empobrece de tal forma seu repertório que se transforma muito mais em um office-boy de determinado microssistema, sem qualquer mobilidade social. (Cremilda Medina, 1982. p.157)

Na maioria das vezes quando há especialização é porque existe um sentimento de maior adoração de alguma área e, sendo assim, o jornalista vai entender muito mais sobre determinado assunto, mas isso não implica que ele se transforme em um político, pelo contrário, o jornalista especializado é o intermediário das linguagens técnicas para a linguagem de grande alcance social, e dessa forma, domina, gradativamente, as técnicas de reportagem, as maneiras de elaboração das mensagens para então traduzir. Esta também é uma técnica de linguagens especializadas, chamadas também de setORIZADAS, para a boa e simples linguagem jornalística.

6. Cidade-satélite

Os centros urbanos que surgem nos subúrbios de uma grande cidade são chamados de cidade-satélite. Essas cidades têm função de servir de moradia para os trabalhadores. Com o crescimento delas os núcleos urbanos periféricos vão constituindo muitas casas, autênticas cidades e não são quase industrializadas. No Distrito Federal, as cidades-satélites servem as necessidades da cidade grande.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2005) indicam que o principal interesse e preocupação da Capital Federal são com o serviço público. Dessa maneira, as cidades-satélites fornecem mão-de-obra não especializada e barata principalmente para o Plano Piloto, Lago Sul, Lago Norte, Sudoeste – que compõem os bairros nobres do Distrito Federal - como empregadas domésticas, pedreiros, jardineiros, etc.

Há um preconceito de que cidades-satélites são sinônimos de favela. Elas existem de fato, porém, para acabar com o desconforto de pessoas que lá habitam, em 1995, o nome “cidade-satélite” foi substituído por “Região Administrativa do Distrito Federal”.

Entre as chamadas cidades-satélites, segundo dados da Pesquisa Distrital por Amostragem de Domicílios (PNAD) realizada em 2004, destacam-se, por quantidade de habitantes, Ceilândia (16,7% da população do DF), Taguatinga (11,8%), Samambaia (8%), Planaltina (7,1%), Gama (6,2%), Sobradinho (6,2%) e Guará (5,6%). Algumas satélites do Distrito Federal encontram-se a mais de 25 Km do Plano Piloto.

7. Varjão

O Varjão do Torto, ou simplesmente Varjão, é uma região administrativa do Distrito Federal (antes chamada de cidade-satélite). A cidade do Varjão é como uma ilha situada perto do lago norte, bairro de classe média, e próxima a Capital Federal. Encontra-se em terras desapropriadas da Terracap – Companhia Imobiliária de Brasília (Secretaria de Estados das

administrações regionais). De acordo com a Terracap, o Varjão localiza-se na antiga Fazenda BREJO ou TORTO, desmembrada do Município de Planaltina.

A cidade é composta por 7.650 habitantes, e possui aproximadamente 1500 domicílios. Cerca de 64% tem menos de 30 anos, ou seja, uma população jovem e o índice de instrução acadêmica é baixo. A maioria possui apenas o ensino fundamental (PNAD 2004).

A População Economicamente Ativa (PEA) é composta por 57,7% de homens e 42,3% de mulheres. O maior mercado consumidor desta mão de obra é o Lago Norte, sobretudo na área de serviços. Aproximadamente 68,8% da população têm como primeiro local de trabalho o Lago Norte, em segundo a Asa Norte e, por fim, a Asa Sul - bairros que compõem Brasília. Os trabalhadores atingem uma renda média de três salários mínimos. As mulheres se concentram nos empregos domésticos e serviços de limpeza. Esse dois empregos juntos respondem por 67,4% da PEA feminina. Os homens, por sua vez, concentram-se primeiramente na construção civil, que absorve 25% dos ocupados. Em segundo lugar aparecem os serviços de jardinagem, com 19%, seguido da prestação de serviços gerais, com 13% dos homens ocupados. A pesquisa de campo mostrou que todos os domicílios têm pelo menos uma televisão.

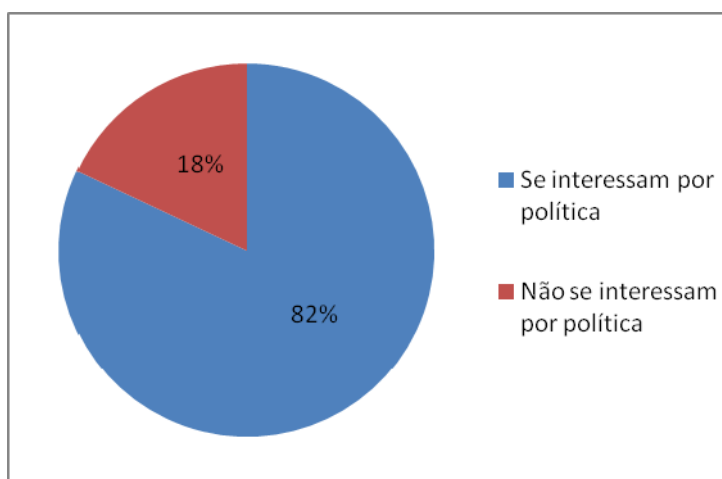
Os dados numéricos acima citados – todos têm base na Pesquisa Distrital por Amostragem de Domicílios (PDAD - 2004) organizado pela Secretaria de Planejamento, Coordenação e Parcerias do Distrito Federal.

8. A pesquisa de campo

Foram aplicados 50 questionários na delimitação do Varjão, em domicílios diferentes, no primeiro semestre de 2008 – semestre que este trabalho foi concluído. Foram entrevistados homens e mulheres, com idades variadas. O objetivo do questionário era verificar se a linguagem das notícias políticas são acessíveis à população do Varjão. Verificar se tal população consegue compreender, entender a notícia sobre política e, assim sendo, se eles se sentem informados.

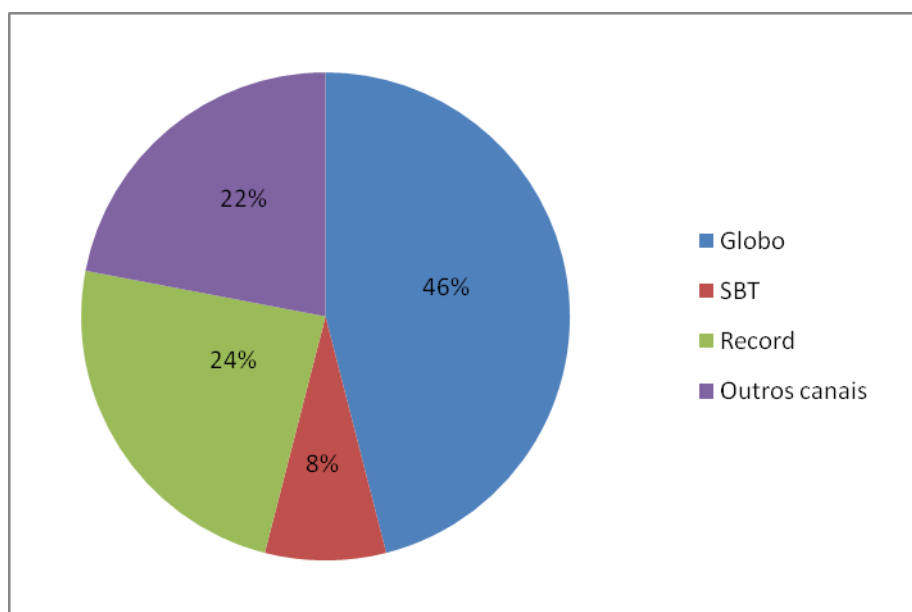
8.1. Visita ao Varjão/ Análises e Resultados

Foram três visitas. Na primeira ida, na medida em que os questionários iam sendo aplicados pôde-se perceber que algumas perguntas estavam falhas e houve necessidade de modificação. Feito isto, na segunda e na terceira visita ao Varjão foram aplicados 50 questionários. Constatou-se que as 50 pessoas entrevistadas têm televisão em casa e gostam de assistir ao telejornal. 41 delas se interessam por política.



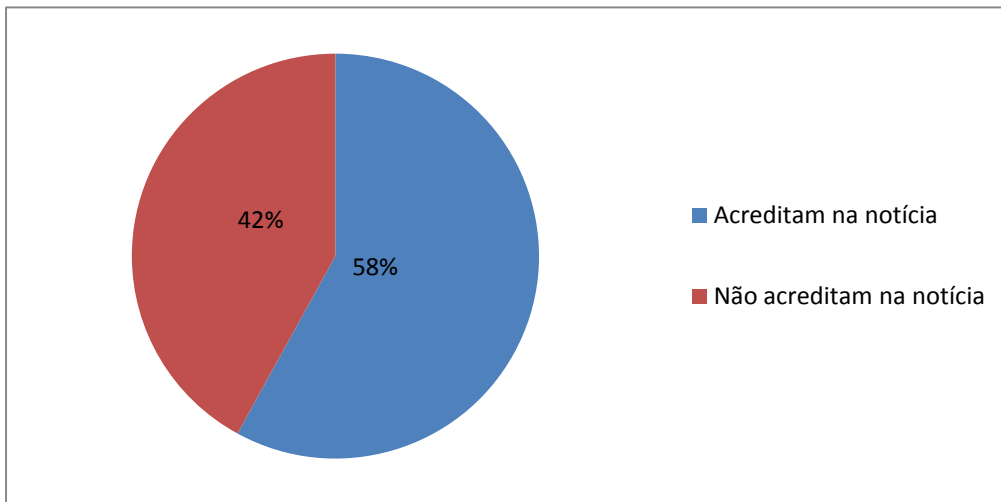
BRAVIM, 2008

Entre os diversos canais os mais assistidos entre os pesquisados são a Rede Globo, a Record e o SBT. 23 pessoas assistem à Globo, um número que corresponde a 46% do total e se aproxima do número de pessoas que não confiam no jornalismo. As 23 pessoas que assistem à Globo, as 12 que assistem à Record e 2 das que preferem o SBT, todas não acreditam no jornalismo político.



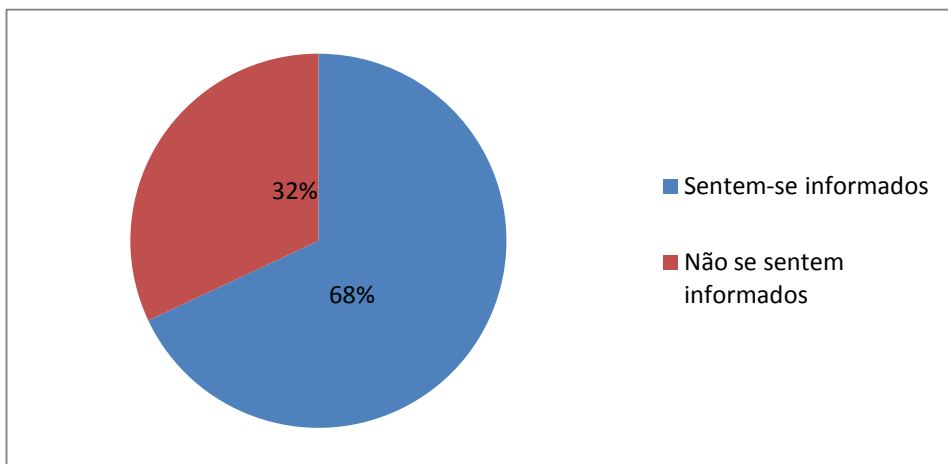
BRAVIM, 2008

O gráfico seguinte mostra que os 34 entrevistados (68%) ainda que se sintam informados, não acreditam e se sentem enganados com o que vêem. No entanto, dizem que se não assistirem ficam por fora do que está acontecendo e, assim sendo, assistem para ficarem, pelo menos, atualizados. Um homem de 37 anos confirmou: “Eu assisto para ficar atualizado e para depois ter pelo menos o que comentar na mesa do bar com os amigos”.



BRAVIM, 2008

O notável da pesquisa também é que 41 dos entrevistados, o que corresponde a 82% do total, se interessa pela notícia de política porque através dela sentem-se informados.



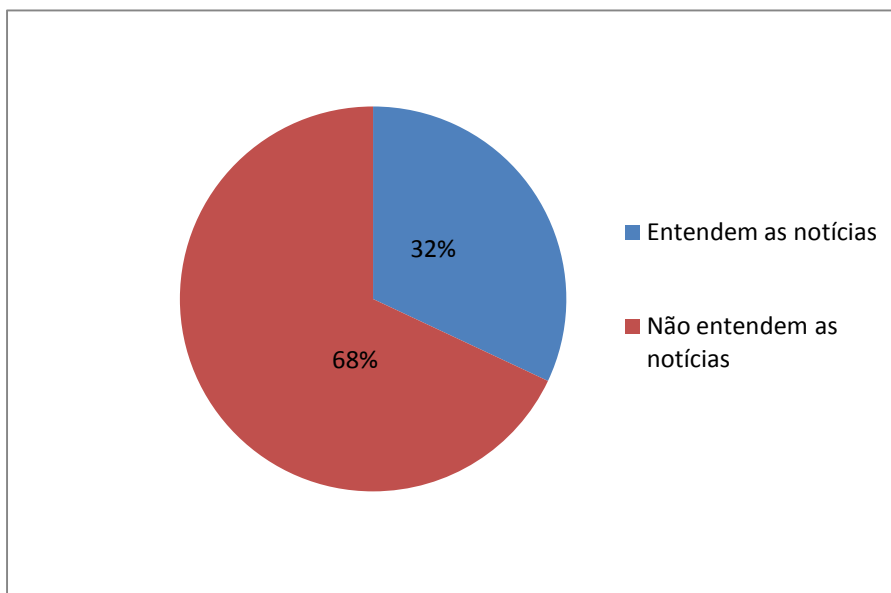
BRAVIM, 2008

Porém, apesar de informados, segundo eles, as notícias não mudam em nada a vida, e, portanto, tornam-se descrentes e, uma parte acaba mantendo

distância da notícia. Normalmente, a parte que procura manter certa distância engloba pessoas de mais idade. Uma senhora de 82 anos contou que não assiste à notícia de política há um tempo: “Não gosto mais de assistir porque sei que tudo é mentira. Aqui, ninguém é ouvido. Essas notícias não ajudam a gente em nada”.

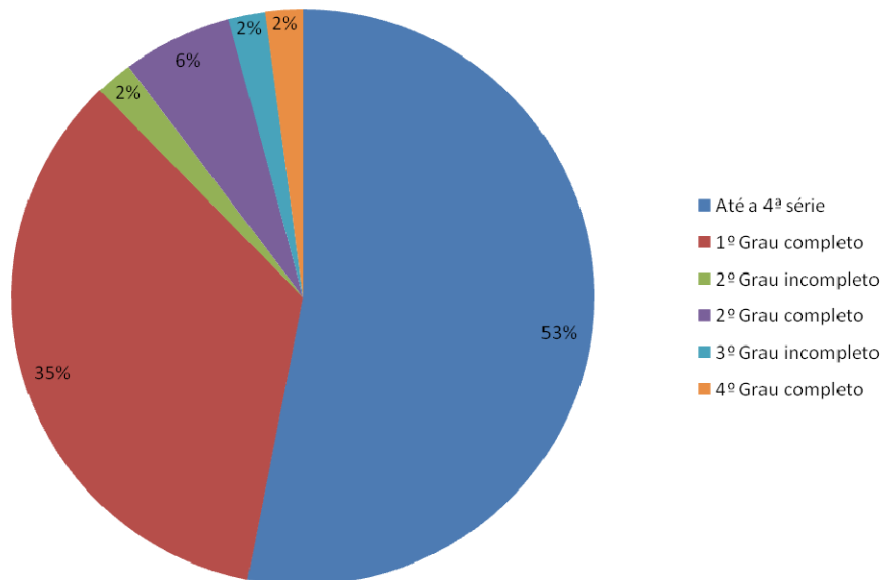
Avançando com os dados, 34 pessoas, 68%, acham que a linguagem da notícia é complicada e não compreendem tudo.

Ao assistir à notícia acabam se perdendo nos termos que não lhes são “traduzidos” e o entendimento fica incompleto. “Entendo mais ou menos. Tem vezes que eles (jornalistas) não usam uma linguagem fácil”, afirma uma das entrevistadas. Outro entrevistado reconhece: “É verdade, não consigo entender tudo e me sinto confuso”.



BRAVIM, 2008

O gráfico seguinte mostra o grau de escolaridade dos entrevistados.



9. Conclusão

Após o desenvolvimento e a análise da pesquisa de campo, pode-se concluir que a linguagem do jornalismo político não alcança a todos, no tocante da população da região administrativa do Varjão, Distrito Federal.

A pesquisa de campo, por amostragem, comprova que, das 50 pessoas que foram entrevistadas, 41 tem o interesse de assistir notícias políticas. Isso corresponde a 82% do todo. A linguagem é de difícil entendimento para 34 entrevistados, isto é, 68% não entendem a linguagem da notícia. Essa constatação é para as notícias dos jornais tanto da rede Globo quanto da Record e SBT que são as emissoras mais assistidas pela população do Varjão. Outro dado comprovado é que 58% da população pesquisada, o que em números absolutos corresponde a 29 pessoas, não acreditam no que as notícias de política dizem. O número de entrevistados que assistem aos jornais da Globo é aproximado ao número de pessoas que não confiam no jornalismo político. O número absoluto de pessoas que preferem assistir à Globo é de 23 pessoas. O público da Record é de 12 pessoas, isto é, 24% do todo. Somente 4 dos 50 entrevistados assistem ao SBT. Os entrevistados declararam que acham que os repórteres não facilitam ao transmitir a notícia. Afirmam que ainda há muitos termos técnicos e que quando uma notícia tem desdobramentos na maioria das vezes os jornalistas não retomam seus antecedentes. O que se nota é a vontade deles em entender mais a notícia, de conseguir compreendê-la. O que deveria acontecer, pelo fato das pessoas pesquisadas não conseguirem entender toda a notícia, seria o afastamento da notícia de política. Mas na verdade o que acontece é que o interesse que eles têm em continuar assistindo é porque existe consciência de que precisam manter-se informados. O que falta, na realidade, é um pouco de consciência de que não é só a “elite alfabetizada” que assiste e se interessa pela notícia. O jornalismo político é para todos e isso não pode ser esquecido. Foi delimitada a população do Varjão para este trabalho, mas devem existir outras comunidades carentes com o mesmo problema. O sentimento que eles passam é de exclusão. E o fato de não entenderem a notícia atrapalha a auto-estima. Do

contrário que deveria ser, o jornalismo político não faz diferença na vida dessas pessoas. Fica aqui uma contribuição para se refletir a respeito de jornalismo político, televisão, mas também sobre muito mais: para quem afinal se faz jornalismo. Aos que já têm muito ou para os que têm tão pouco. E como se viu, carentes até de informação.

10. Bibliografia

- BARTHES, Roland. “Crítica e verdade”. São Paulo: perspectiva, 1999
- MACIEL, Pedro. “Jornalismo de televisão” . Porto alegre: Sagra Luzzato, 1995
- ARBEX, José. “Showrnalismo”. São Paulo: Casa Amarela, 2001
- SEABRA, Roberto e DE SOUZA Vivaldo. “Jornalismo Político – Teoria, História e Técnicas”. São Paulo: Editora Record, 2006
- BRASIL, Antônio Cláudio. “Antimanual de jornalismo e comunicação”. São Paulo: Editora SENAC, 2007
- LAGE, Nilson. “Ideologia e Técnica da notícia”. Petrópoles – Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1982
- MARTINS, Franklin. “ Jornalismo Político”. São Paulo: Contexto, 2005
- GOLDENSTEIN, Gisela. “ Do jornalismo político à indústria cultural”. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1987
- MEDINA, Cremilda. “Profissão jornalista:Resposabilidade Social”. Rio de Janeiro: Ed. Forenze Universitária, 1982
- PEREIRA, Alfredo. “Decidindo o que é notícia”. Porto Alegre: edipucrs, 2000
- PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – 2004 – PDAD 2004 – dados agregados para o Distrito Federal e Regiões Administrativas. Brasília

11. Anexo



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas

Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Pesquisa referente à monografia de conclusão de curso para obtenção do grau de bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo.

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Pesquisador: Virginia Bravim da Silva

As entrevistas devem ser realizadas na Região Administrativa do Varjão.

As questões possuem alternativas e, portanto, o entrevistado deve escolher apenas **uma** resposta.

Objetivo da pesquisa: identificar se a linguagem da notícia política é acessível à eles.

Questionário

1 – Sexo:

- a) Masculino
- b) Feminino

2 - Idade?

- a) até 15 anos
- b) de 16 a 20 anos
- c) de 21 a 25 anos
- d) de 26 a 35 anos
- e) de 36 a 45 anos
- f) de 46 a 55 anos
- g) de 56 a 65 anos
- h) mais de 66 anos

3 – Nível de instrução

- a) não alfabetizado
- b) até a 4 série
- c) 1º grau completo
- d) 2º grau incompleto
- e) 2º grau completo
- f) 3º grau incompleto
- g) 3º grau completo
- h) outros: _____

4 – Tipo de estabelecimento que cursou os estudos?

- a) todo em escola pública
- b) todo escola particular
- c) maior parte em escola pública
- d) maior parte em escola particular
- e) escolas comunitárias
- f) outros: _____

5 – Qual é a sua ocupação?

- a) autônomo
- b) empresário
- c) servidor público
- d) empregado em empresa privada
- e) empregado rural / agricultor
- f) proprietário rural
- g) estudante
- h) desempregado

6- Possui Televisão?

- a) sim
- b) não

- Quantas? _____

7 - Qual emissora de preferida?

- a) Globo
- b) SBT
- c) Record
- d) Bandeirantes
- e) Rede TV
- f) TV Brasília
- g) outra: _____

8 - Em média, assiste a quantas horas de TV diariamente?

- a) até 1 hora
- b) de 1 a 2 horas
- c) de 2 a 4 horas
- d) de 4 a 6 horas
- e) mais de 6 horas: _____

9 - Gosta de assistir telejornal?

- a) sim
- b) não

10 - Se interessa por notícias que tratam sobre política?

- a) Sim. Por quê?
- b) Não. Por quê?

11 - Acredita nessas notícias que você assiste?

- a) sim
- b) não

12 - Você se sente informado com essas notícias políticas?

- a) Sim
- b) Não

13 - Porque você assiste a notícia política? Ela faz alguma diferença na sua vida? _____

14 - Você consegue entender tudo que a notícia diz? _____

15 - Se sente enganado por elas?

- a) sim
- b) não